

O NOVO ENSINO DE HISTÓRIA E AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Regineison Bonifácio de Lima¹, Arivaldo D'Avila de Oliveira²,

1. Professor EBTT de História da Ufac. Membro do LEEHAp.
2. Professor EBTT de Geografia da Ufac. Membro do LEEHAp.

Resumo

Em uma ação transdisciplinar de História, Geografia e Museologia, foi proporcionado aos estudantes da Segunda Série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFAC a inserção em ambiente de construção de conhecimento no Museu da Borracha, com a finalidade de torná-los mais que receptores de conhecimento. Utilizamos a metodologia de pesquisa-ação de Thiollent (2011), onde se aprende fazendo e se faz aprendendo, bem como a teoria a construção interacional de seus conhecimentos (BITTERCOURT, 2004). As experiências seringueiras durante a Batalha da Borracha na 2ª. Guerra Mundial (MARTINELLO, 2018) foram revisitadas com o objetivo de analisar as vivências seringueiras exposta no acervo do Museu da Borracha, bem como proporcionar a interação dos estudantes com o conhecimento externo ao ambiente da sala de aula. O trabalho propiciou subsídios que levassem à reflexão sobre as modificações produzidas pela interação dos humanos com a floresta e de si mesmos com o passado revisitado.

Palavras-chave: Educação; Seringal; Cultura Amazônica.

Introdução

Ao longo dos séculos o ensino de história privilegiou o texto escrito como documento oficial, como se fosse o detentor da verdade absoluta sobre as diversas histórias a serem estudadas, excluindo, assim, diversos saberes, memórias e relatos de experiências vividas que são de muito valor para a construção da memória de determinado povo, lugar ou sujeito, que seja (FONSECA, 2003).

A educação está passando por mudanças: as novas tecnologias e as estruturas da educação básica impelem a necessárias mudanças educacionais e novas práticas de ensino-aprendizagem (BRASIL, 2018). A estrutura de pesquisa-ação fundamentou a ação dos alunos-participantes, que desempenharam um papel ativo e cooperativo na descoberta de informações que foram lapidadas e transformadas em conhecimento.

O trabalho executado ao longo do terceiro trimestre do ano letivo de 2019, pretendeu através de ações planejadas e executadas conjuntamente com os sujeitos envolvidos aprender novas metodologias de ação a serem inseridas no cotidiano bem como o uso de recursos metodológicos existentes no Museu da Borracha a fim de propiciar aos estudantes subsídios que os levassem a construção do conhecimento e adaptação de ações em ambiente exterior a sala de aula.

Ao proporcionar aos estudantes da Segunda Série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFAC a inserção em ambiente de construção de conhecimento ambientada no Museu da Borracha buscamos torná-los não apenas receptores de conhecimento, mas, através da metodologia de pesquisa-ação de Thiollent (2011) intentamos que os estudantes aprendessem fazendo e executassem suas ações concomitantemente com o processo de aprendizado, como pesquisadores da construção interacional de seus conhecimentos.

Objetivamos analisar as vivências seringueiras exposta no acervo do Museu da Borracha, bem como proporcionar a interação dos estudantes com o conhecimento externo ao ambiente da sala de aula.

Por essa razão, foi planejada uma visita dirigida ao Museu da Borracha, a fim de visitar a exposição sobre o homem da floresta com o intuito correlacionar as vivências seringueiras estudadas em sala de aula com o acervo disponível e estudado no local.

Metodologia

O presente artigo é fruto de um projeto de atuação transdisciplinar envolvendo as disciplinas de História, Geografia e Sociologia com ações direcionadas às vivências seringueiras presentes no Museu da Borracha.

O referencial teórico utilizado está embasado na teoria da pesquisa-ação, de Thiollent (2011), nos fundamentos e métodos para o ensino de história, de Circe Bittercourt (2004) e nos estudos da Vivências Seringueiras de Martinello (2018).

A metodologia aplicada no presente trabalho teve caráter qualitativo, tendo em vista que a pesquisa no campo educacional contempla fatos sociais em que a figura do pesquisador integra o processo de conhecimento ao mesmo tempo em que interpreta os fenômenos educacionais. Quanto à natureza, o trabalho adotou um caráter teórico-aplicado, buscando proporcionar aos estudantes o espaço para construção de conhecimentos sobre as

vivências seringueiras não apenas a partir do estudo de fontes bibliográficas, mas a partir das experiências e interações no espaço museológico extraescolar. No tocante aos objetivos, o trabalho teve caráter exploratório, fazendo com que os estudantes adquirissem maior familiaridade com o problema analisado, tornando-o mais explícito e auxiliando na construção de hipóteses sobre as vivências dos seringueiros em sua interação com o espaço amazônico. Quanto aos procedimentos, o estudo foi orientado pelos pressupostos da pesquisa-ação, na perspectiva de Thiollent (2011), buscando-se a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo colaborativo e participativo.

Na primeira etapa foram realizadas reuniões de planejamento no Laboratório de Estudos Humanísticos Aplicados (LEEHAp) com a equipe executora do trabalho, incluindo os professores de História, Geografia e Sociologia, bolsistas pró-docência, e bem como, nas salas de aulas junto aos estudantes da segunda série do Ensino Médio, os quais também contribuíram para darmos a dimensão do alcance do projeto de modo que atendesse suas perspectivas e necessidades educacionais.

Na etapa de execução do trabalho, realizamos três procedimentos que se complementaram, buscando associar as experiências no espaço da sala de aula às desenvolvidas no espaço extraescolar. O primeiro deles foi a leitura de livros e textos que tratam da base histórica sobre as vivências no seringal, ocasião em que os estudantes levantaram vários questionamentos sobre os processos de construção do modo de vida nos seringais e os impactos disso na cultura local. Em seguida, foram realizadas as visitas dirigidas ao espaço do Museu da Borracha, momento em que os estudantes puderam conhecer melhor o acervo relacionado à cultura seringueira e assistir a documentários sobre os aspectos históricos da formação acreana e dos processos sociais envolvidos na produção da seringa. Em um terceiro momento, os alunos realizaram o trabalho de produção textual sobre os conhecimentos construídos durante as leituras e as aulas de campo. Por fim, os alunos tiveram uma palestra sobre Mitos e Lendas na Amazônia.

Resultados e Discussão

Com a necessidade de se praticar novas formulações de ações para a implementação do ensino com pesquisa na área de história (BRASIL, 2017), visando maior autonomia de pensamento crítico dos estudantes na correlação com o ambiente em que estão inseridos, o novo ensino de história e as práticas educacionais na Amazônia Sul-Occidental implementado em nossa pesquisa-ação foi a realização do desejo de cientistas que perceberam a necessidade de aproximar a ciência e a escola (LIMA, 2019), além de atrair a comunidade escolar para a universidade, envolvendo-a com a pesquisa científica. Intentamos propiciar aos estudantes atividades interativas, de modo multidisciplinar e transversal em torno de cinco eixos temáticos de conhecimento: cultura, comunicação, educação, meio ambiente e cidadania, que incentivassem o gosto pela construção da ciência e a leitura do ambiente em que se fazem inseridos.

Essa proposta metodológica permitiu a atuação efetiva dos estudantes no processo educativo, tendo em vista que participaram como pesquisadores e participantes da resolução do problema em que estavam envolvidos de modo colaborativo (ROCHA, 2017). Nesse sentido, o trabalho proporcionou aos estudantes a dimensão de atores sociais aptos a compartilhar a construção do projeto e seu desenvolvimento a fim de efetivar o conhecimento e viabilizar soluções para os problemas detectados.

Ao fazer uma correlação entre os assuntos propostos pelos livros didáticos trabalhados e os conhecimentos verificados na visita ao Museu da Borracha, é perceptível a utilização privilegiada de textos escritos como documento oficial, excluindo, assim, diversos saberes, memórias e relatos de experiências vividas e de muito valor para a construção da memória de lugar dos sujeitos (MONTENEGRO, 2010).

A busca de novos caminhos para tornar o estudo mais agradável e eficiente acena-nos a trabalhar com novas linguagens. Várias poderiam ser utilizadas, todavia elegemos principalmente as ciências das disciplinas de Ciências Humanas e Suas Tecnologias e das Linguagens, como alternativas para romper com as aulas apenas pelo lado de dentro da sala e dos livros que nos apontam os caminhos destas histórias tão tradicionais de nosso povo (FONSECA, 2003).

Para Claval (2001), compreender a relação entre as pessoas e as experiências vivenciadas dão sentido para tentar modificar as realidades nas quais vivem.

A atividade de ensino se estendeu transdisciplinarmente para fora da sala de aula, em uma relação de aprendizado que facilite o aprender a aprender, mantendo contato da teoria com a prática em um constante aprendizado de pesquisa-ação. Os estudantes puderam fazer contraposições sobre as modificações ocorridas na floresta pelas vivências dos seringueiros no Museu da Borracha.

Ao se deslocar da sala de aula ao espaço do Museu da Borracha, na floresta amazônica, os estudantes puderam ter noção da espacialidade envolvida na constituição das vivências seringueiras (COSTA, 1998; LIMA, 2006), bem como das construções sociais estabelecidas que instrumentalizaram o aparecimento de lendas, mitos, dialetos e brincadeiras que são peculiares daquelas localidades.

Conclusões

A partir do trabalho realizado identificamos que a metodologia transdisciplinar adotada demonstrou-se viável para a criação de novas práticas de ensino de história na Educação Básica, apontando para a consecução de resultados positivos quanto à implementação de novas estratégias voltadas à exploração conjunta dos espaços da sala de aula e dos espaços de memória. A realidade educacional brasileira e as vivências escolares demonstram que as salas de aula são lugares permeados por espaços de transgressões, criatividade,

experimentação, pesquisa e avaliação permanente (BRASIL, 2018). Nesse sentido, constatamos que o trabalho realizado proporcionou aos professores a abertura a realidades singulares, instáveis e heterogêneas, levando ao reconhecimento de que os estudantes são atores ativos no processo de aprendizagem e na construção do saber escolar.

A partir das atividades desenvolvidas, observamos que os estudantes têm suas particularidades individuais e suas vivências culturais e coletivas que são colocadas em jogo nas salas de aula, sendo imprescindível que o foco das atividades educacionais esteja voltado não à mera decodificação dos conteúdos curriculares, mas ao processo de construção dos conhecimentos. Nesse panorama, os estudantes interferem e recriam significados e sentidos para os conteúdos estudados e para as relações que a História estabelece com a realidade social e cotidiana.

A partir da inserção dos estudantes nas atividades do projeto, foi possível observar e investigar cientificamente os fatos do mundo que os cerca, tornando-se possível construir, desde cedo, habilidades para planejar e executar experiências e projetos que os levem a adquirir confiança na resolução de problemas com uma visão criativa e crítica. Ao propormos uma aprendizagem pautada não na mera explanação de conteúdos, mas na resolução de problemas reais, os estudantes puderam ter uma percepção da história, da geografia e das relações sociais no contexto amazônico a partir do diálogo com o mundo fora da escola. Os estudantes, assim, aprenderam a articular o conhecimento experienciado na sala de aula conectado a outros saberes.

Referências bibliográficas

- BITTERCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 2017.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- COSTA, J. C. **A Conquista do Deserto Ocidental**. 2 ed. Rio Branco (Acre): Fundação Cultural do Acre, 1998.
- FONSECA, S. G. Diferentes fontes e linguagens no processo de Ensino e Aprendizagem. In: FONSECA, Seiva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LIMA, R. B. **Sobre Terras e Gentes: O Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco (1971-1982)**. João Pessoa: Ideia, 2006.
- MARTINELLO, P. **A batalha da borracha durante a segunda Guerra mundial**. Rio Branco (Ac): Edufac, 2018.
- MONTENEGRO, A. **História oral e memória – a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROCHA, F. R. Revisitando o Currículo de História do Acre na Educação Básica através da história oral. **Revista Nawa**. v. 1 n. 1 (2017). Disponível em < <https://periodicos.ufac.br/index.php/nawa/issue/view/69>>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.